



# A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso: a mudança de lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas

Latin american theology in the face of religious pluralism: the change of theological place from feminist and afroindigenous theologies

*Claudio de Oliveira Ribeiro\**

Recebido: 11/04/2018. Aprovado: 22/06/2018.

**Resumo:** *A pesquisa trata de um dos desafios que se apresenta para a teologia latino-americana, que é o aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo religioso e como ela incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da terra. O ponto central de nossa análise está em torno da revisão metodológica da teologia latino-americana, tendo em vista a diversificação crescente do quadro de pluralismo religioso. Para esta revisão, as questões suscitadas pelas relações entre fé e culturas têm tido destaque. Metodologicamente, identificamos dois blocos para análise. Um que emerge do contexto da teologia feminista latino-americana e outro das teologias afro-indígenas. O esforço da teologia feminista da libertação em buscar imagens femininas de Deus está centrado nas expressões da fé em uma divindade não androcêntrica, que seja fonte de iluminação crítica das formas de patriarcalismos e sexismos. O foco é a vivência espontânea da fé que promova a cura e que valorize o corpo, a sexualidade, o cuidado e a proteção e a responsabilidade ética com a criação e a natureza. A necessidade de mudança de lugar teológico, a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, valoriza a contribuição de uma teologia indígena e de uma teologia negra, especialmente por desfrutarem da tensão*

---

\* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2000). Pós-doutor (Methodist Southern University, Dallas-EUA, 2015). Vice-presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE).

E-mail: cdeoliveiraribeiro@gmail.com





*criativa entre ritualidade e racionalidade e por articularem as subjetividades do mundo afro-indígena e a racionalidade cristã ocidental.*

**Palavras-chave:** *Teologia da libertação. Teologia feminista. Teologia afro-indígena. Pluralismo religioso.*

**Abstract:** *The research deals with one of the challenges that is presented to the Latin American theology that is the deepening of the issues emerging from the appreciation of religious pluralism and how it focuses on strengthening democracy, ecumenical practices and the Hallmark and the protection of human rights and the Earth. The focal point of our analysis is around the methodological revision of Latin American theology in view of the growing diversification of the framework of religious pluralism. For this revision, the issues raised by relations between faiths and cultures have been highlighted. Methodologically, we've identified two blocks for analysis. One that emerges from the context of Latin American feminist theology and another of the Afro theology. The effort of the feminist liberation theology in seeking feminine images of God is centered on the expressions of faith in a non-androcentric deity, which is a source of critical illumination of the forms of patriarcalisms and sexism. The focus is the spontaneous living of the faith that promotes healing and that values the body, sexuality, care and protection and ethical responsibility with creation and nature. The need to change theological place from the reality of Afro religious cultures, values the contribution of an indigenous theology and black theology, especially because they enjoy the creative tension between rituality and Rationality and articulate the subjectivities of the Afroindigenous World and Western Christian rationality.*

**Keywords:** *Theology of liberation. Feminist theology. Afroindigenous theology. Religious pluralism.*

## Introdução

Diante das mudanças socioculturais das últimas décadas, incluindo as formas científicas de compreensão do mundo, e com a intensificação da pluralidade e da complexidade da realidade social, temos indicado em nossa tarefa teológica três necessidades que requerem de nós maior atenção. A primeira delas é o alargamento metodológico para uma compreensão mais apurada da complexidade social, evitando as formulações dicotômicas, bipolares, simplistas e redutoras da realidade, visando integrar perspectivas plurais de análise. A segunda necessidade é uma articulação mais adequada entre as formas de racionalidade que marcam a reflexão teológica latino-americana com dimensões da subjetividade humana em sua condição pós-moderna, o que pode e deve gerar formas novas e mais autênticas de espiritualidade. A terceira é um aprofundamento das questões que emergem da valorização do pluralismo religioso e como ela incide no fortalecimento da democracia, das práticas ecumênicas e de cunho libertador e da defesa dos direitos humanos e da terra.



A seguir, desejamos, ainda que panoramicamente, focar o terceiro desafio que está em torno da revisão metodológica da teologia latino-americana tendo em visto a diversificação crescente do quadro de pluralismo religioso.

Nossa pressuposição é que as experiências religiosas, ainda que estejam dentro de um quadro crescente de diversidade religiosa, se apresentam em formas marcadas pelo modelo econômico vigente, o que revela a força sedutora do capitalismo globalizado como força de massificação e uniformização e, em grande parte, como manutenção do *status quo*. Não obstante isso, e de forma contraditória e ambígua, também estão presentes na sociedade, diversas expressões de presença pública das religiões, que vão em direção do reforço da democracia, do pluralismo e da capacidade contra-hegemônica na defesa dos direitos humanos e da terra<sup>1</sup>. Portanto, o quadro é complexo e a teologia latino-americana deve, pela importância dele, se debruçar nessa contradição e refletir sobre as demandas que recaem sobre ela diante do pluralismo religioso. Além disso, a perspectiva pluralista, aqui pensada em termos de pluralismo religioso, tem interpelado fortemente o contexto teológico latino-americano, especialmente por sua vocação libertadora e pelos desafios que advêm de sua composição cultural fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas.

Sob a liderança sobretudo dos teólogos José Maria Vigil e Marcelo Barros no contexto da Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (Asett), e de Faustino Teixeira, a teologia latino-americana elaborou consistentes reflexões sobre os desafios do pluralismo religioso. Tais reflexões possuem os seus principais conteúdos na série de livros *Pelos muitos caminhos de Deus*, mas ao lado dessas obras há um volume considerável de textos que têm sido produzidos sobre o tema em terras latino-americanas.

Ao reforçar as dimensões do plural e do diálogo e ao indicar o desafio do debate ecumênico das religiões, desejamos mostrar que lógica plural é fundamental para o método teológico e para a vivência religiosa. Entre os muitos desafios para o contexto teológico latino-americano, indicamos neste momento apenas a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade da diversidade de gênero e das culturas

<sup>1</sup> SOUZA, Boaventura dos Santos. *Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2013.



religiosas afro-indígenas. Outros aspectos certamente deveriam ser apresentados, mas os limites do texto não nos permitem indicar.

## 1 A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate sobre o pluralismo religioso

O debate sobre o pluralismo religioso na América Latina cada vez mais se torna relevante devido à vivência multicultural e multirreligiosa do continente. Como se sabe, a intolerância religiosa, ao lado dos interesses econômicos e políticos, é um dos grandes motores que geram a violência, causando a morte de milhares de inocentes, principalmente nos países pobres. Na perspectiva cristã, a discussão sobre as mensagens religiosas capazes de dar respostas consistentes para crentes e não crentes num mundo marcado por guerras, violência e injustiça social centraliza-se, em geral, na discussão sobre o significado de Jesus Cristo hoje e a doutrina da encarnação.

Entretanto, as teólogas feministas da libertação têm ido além ao, não somente discutirem o tema da cristologia, mas, procurarem aprofundar os problemas sexistas advindos da visão religiosa monoteísta e os que emergem das metáforas patriarcais utilizadas na construção da imagem de Deus. Nessa perspectiva, a discussão sobre o pluralismo gira fortemente ao redor dos dogmas que têm excluído as mulheres das instâncias de decisão e do poder nas esferas religiosas e não tanto nas diferenças entre as religiões. Além disso, alguns desses dogmas também têm marginalizado homens e mulheres de diferentes raças e culturas, em nome de um “Cristo branco, de traços europeus”. Portanto, trata-se de um esforço radicalmente inclusivo.

### 1.1 Crítica ao universalismo cristão

O diálogo inter-religioso também produz no interior de cada expressão religiosa mudanças e identificação de desafios. No caso do cristianismo, é importante ressaltar a necessidade de crítica do papel que ele desempenhou nos processos de colonização e catequização dos povos, cuja marca de intolerância, violência e rejeição das outras religiões e culturas, consideradas como demoníacas, está fortemente presente até os dias de hoje. A teologia feminista pode contribuir com essa revisão do lugar da religião no projeto de libertação.



As perspectivas feministas têm elaborado críticas consistentes às visões de universalismo cristão que negam a pluralidade, que de certa forma, estão ao lado do caráter androcêntrico de suas afirmações teológicas, marcadamente masculinas.

As explicações religiosas sobre a vida e sobre o destino e valor do ser humano que antes sustentavam uma perspectiva absolutista e exclusivista vêm sendo questionadas por referenciais críticos provenientes de diferentes áreas do saber. As visões multiculturalistas, por exemplo, têm exigido a atenção às demais explicações religiosas e culturais distintas de nossas próprias. Há originalidade em diferentes visões em torno das noções de criação e recriação da vida, da salvação e do destino do cosmo. Nas palavras de Ivone Gebara:

*O universalismo cristão é agora refletido também como fruto do imperialismo político e cultural que ainda corre em nossas veias, julgando-nos possuidores das verdades eternas válidas para todos os povos. O universalismo cristão, infelizmente, tem ainda hoje a pretensão de “possuir” a maior verdade sobre o ser humano e sobre o mistério de Deus. Mas, essa pretensão está sendo contestada pelos diferentes movimentos sociais e religiosos, assim como por eminentes intelectuais, mulheres e homens, de diferentes partes do mundo.<sup>2</sup>*

A crítica feminista aos processos de diálogo ecumênico, tanto no nível intracristão como no inter-religioso, é que há sempre um limite na abertura às questões do mundo e o diálogo com as diversidades, presentes em vários setores cristãos, mas que quase sempre terminam em uma perspectiva exclusivista. Isto se revela especialmente na linguagem e nas relações de poder. A autora denomina tal processo como esquizofrenia e utiliza a imagem da “casa do Pai”. Ou seja, ninguém deve sair dela e nem modificá-la substancialmente. Ela mantém a sua estrutura hierárquica e a sua autoridade sobre os outros. A casa é do Pai, nela habita a única verdade e há que obedecer a Ele para que a irmandade seja possível. Mas, surgem as perguntas: “qual é o Pai a quem obedecemos?” “A que modelo de mundo corresponde sua autoridade?”, “A que modelo de relação entre mulheres e homens corresponde sua imagem histórica?”

*Na casa do Pai se encontram os únicos tesouros para uma vida perfeita. É uma casa idealizada, poderosa, da qual é difícil se desfazer. Por*

<sup>2</sup> GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhaduti, 2010. p. 28-29.



*isso, não nos entregamos às casas do mundo, às casas de mulheres e homens das mais diferentes culturas, não acreditamos que filhas e filhos, irmãos e irmãs, podem construir um mundo de solidariedade. O Pai que preside o mundo é a expressão celeste de nossa autocompreensão como humanidade. Projetamos em Deus a ordem social hierárquica de uma sociedade de dominadores e dominados. Projetamos em Deus nossas hierarquias sociais, de classe, de gênero e de etnias.*<sup>3</sup>

A recriação das linguagens teológicas e das práticas religiosas não é, obviamente, tarefa fácil. Tais perspectivas se defrontam com a complexidade da realidade social, especialmente os aspectos econômicos e políticos. Elas também estão colocadas em um contexto de crise de referenciais utópicos e doadores de sentido para a humanidade. Por isso, são árduas as indicações de caminhos. Os desafios diante da vida cotidiana e como ela interpela a fé e as relações entre religião e sociedade, quando vistos numa lógica plural, são muitos e todos igualmente densos. Ivone Gebara reflete sobre vários. Vejamos alguns.

O primeiro é sobre a noção de império e como a lógica plural a coloca em xeque:

*Embora seja verdade que a dominação do modelo único persiste ainda na sua forma mais perversa, haja vista o modelo do império norte-americano e sua ação no mundo, já não há mais consenso em relação a este poderio ou a esse domínio. Da mesma forma já não há mais aceitação passiva de outras formas de dominação na especificidade cultural de nossos povos. Hoje, por isso e por outras razões, estamos sem referências unificadoras ou referências capazes de fazer uma unidade mínima para uma convivência mais ou menos decente entre os diferentes grupos e pessoas. É esta a questão central do pluralismo.*<sup>4</sup>

Um segundo aspecto reside na relação complexa entre a vida cotidiana, o Estado e as religiões. O que se advoga é que tais dimensões sejam repensadas para que as duas últimas esferas – a política e a religiosa – estejam em favor da promoção da vida, não obstante as ambiguidades de cada uma delas.

*Queremos que o Estado seja laico na medida em que as religiões ou os valores religiosos que informam a vida dos indivíduos entram em conflito com as políticas que julgamos importantes para as mulheres e/ou outros*

<sup>3</sup> GEBARA, 2010, p. 52.

<sup>4</sup> Ibid., p. 74.



*grupos. Queremos igualmente que as religiões se comprometam com a vida dos cidadãos que são igualmente fiéis de sua instituição religiosa. Há uma duplicidade de exigências. Mas, se assim não fosse, esta questão talvez não aflorasse em nossa consciência. Isto nos convida a fazermos uma análise mais aprofundada das referências religiosas e morais na vida dos diferentes grupos, e de como estas referências, quer queiramos quer não, se intrometem e influenciam nas políticas as mais diversas.<sup>5</sup>*

Um terceiro aspecto está assentado na dimensão existencial. Ele pressupõe certa inclinação antropológica de demarcação de espaço, de diferença e de identidade. Isto pode se dar de forma positiva, como valorização da alteridade, assim como pode se dar de maneira desintegradora, excludente e até mesmo agressiva. Ivone Gebara nos recorda o relato bíblico do fariseu e do publicano, em Lucas 18,10-13. O fariseu, que cumpre a lei à risca e compreende que por isso é aceito e legitimado por Deus, se alegra com tal identidade. Para a autora

*Como muitos de nós, ele [o fariseu] sai feliz do templo, talvez até impondo a todos os outros a sua convicção de ser justo diante de Deus e diante de sua própria consciência. Fecha-se numa visão, numa ideologia, numa maneira de compreender sua humanidade e sua religião, quase convencido que é possível reduzir toda a diversidade do mundo a si mesmo. E, o mais grave, arma uma guerra contra os outros que são diferentes, não apenas nas crenças, mas na cor da pele, na orientação sexual, na nacionalidade, na idade. Corre até o risco de torná-los seus inimigos, aqueles que devem ser combatidos e exterminados da face da terra. É difícil ser o publicano, aquele que reconhece o limite de sua existência e de seus atos.<sup>6</sup>*

Ivone Gebara tem consciência de não ter respostas, mas de apresentar intuitivamente e por hipóteses caminhos de diálogo e de superação de conflitos. Ela mesma se propõe a não defender com “armas mortais” suas próprias posições e incentiva que as pessoas que a cercam façam o mesmo. Dessa forma, suas palavras são elucidativas desta visão ecumênica, e por isso as apresentamos aqui nesse final:

*E, nessa linha, tentamos libertar os valores do Evangelho das estruturas bélicas ofensivas e defensivas das religiões. A “boa nova” poderia ser simplesmente nos redescobrirmos como seres do mesmo húmus, do mesmo*

<sup>5</sup> Ibid., p. 188-189.

<sup>6</sup> Ibid., p. 254.



*sopro vital, chamados a viver neste instante único da história do universo. Escolher o caminho do diálogo e do respeito é uma batalha imensa, renovável a cada dia e em cada nova situação. É uma aposta na vida, embora saibamos de antemão que os que abraçam esta causa nem sempre serão vencedores segundo os critérios da competição e do lucro. Mas, não importa, se eu acreditar que as relações humanas podem ser melhores, algo poderá mudar qualitativamente, e nossa fé na humanidade não será vã.<sup>7</sup>*

### ***Crítica à visão cristológica sexista, patriarcal, elitista e racista***

A perspectiva feminista do diálogo inter-religioso busca elementos, princípios e práticas de natureza libertadora não apenas para as mulheres, mas para os diversos grupos marginalizados e discriminados socialmente, tendo como base um conceito de divindade não sexista, não patriarcal, não elitista e não racista. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se valorizar as religiões e culturas que são desconsideradas na sociedade.

*O escândalo da Cristologia, para a maioria das feministas, consiste no fato de se promover uma figura masculina de Deus, tendo as mulheres de se confrontar com a figura de um homem como pessoa paradigmática. A simples superação da masculinidade do Jesus histórico como um fato contingencial, a relativização da linguagem e a ênfase na mensagem de Jesus como mensagem revolucionária parecem não ser suficientes para superar as cristologias tradicionais. Todos os suportes simbólicos da Cristologia precisam ser reinterpretados (Ruether). O repúdio às figuras de heróis e heroínas deve ser implementado. Esse repúdio, concentrando a ideia salvífica na relacionalidade, na comunidade, pode afastar-nos de governos do tipo autoritário, que concentram a ideia de salvação em uma figura única. Além disso, está mais próximo de um diálogo com o pluralismo religioso, como nos mostra o trabalho que teólogas latino-americanas estão realizando com e nas comunidades afro-americanas e indígenas. Nesse sentido, não apenas recupera a visão das mulheres, mas também a de povos e raças oprimidos, tanto do ponto de vista econômico-social como étnico-racial. A inter-relacionalidade entre as pessoas na comunidade é colocada em destaque; a comunidade é salvífica, nas religiões afro-americanas. O poder é mais partilhado e um grande respeito aos velhos, às crianças e a toda a natureza é observado.<sup>8</sup>*

<sup>7</sup> Ibid., p. 256.

<sup>8</sup> TOMITA, Luiza. *Crista na ciranda de Asherah, Isis e Sofia: propondo metáforas divinas para um debate feminista do pluralismo religioso* (p. 107-124). In: ASETT (Org.).



Como decorrência da referida busca, está a necessidade de uma revisão da cristologia, de modo que ela não se restrinja em uma mensagem centrada em um único indivíduo, mas em uma comunidade. Seria a possibilidade das experiências religiosas que se pautam pela inter-relacionalidade, pelo compartilhamento do poder, pela constituição de relações internas justas, pelo respeito às pessoas idosas, às crianças e à natureza. Nas palavras da autora:

*Não se pretende com esta proposta jogar fora a pessoa histórica de Jesus, mas ele deve permanecer como uma figura paradigmática, por sua mensagem e práxis. A comunidade se torna central, mas as pessoas dentro dela devem ser modelos de vivência comunitária, de práxis de solidariedade, de fraternidade/sororidade, de luta contra a desigualdade e injustiça social.<sup>9</sup>*

Em “Crista na ciranda de Asherah, Isis e Sofia: propondo metáforas divinas para um debate feminista do pluralismo religioso”, Luiza Tomita apresenta os esforços de desconstrução da cristologia efetuado por várias teólogas nas últimas décadas como Ivone Gebara, Mary Dale, Rosemary Radford Ruether, Elizabeth Schüssler Fiorenza e Rita Nakashima Brock. O próprio termo “Crista”, no sentido de comunidade, visa impedir ou atenuar que haja uma identificação única de Cristo com Jesus. Ao combiná-lo com comunidade, espera-se desviar o foco da salvação de indivíduos heroicos, e, assim, afirmar a convicção sobre a santidade da comunidade. Para a autora:

*A cristologia é um dos tratados teológicos que mais tem despertado o interesse das teólogas feministas. Centralizando a salvação na figura de um varão, as cristologias da reconciliação têm se apresentado como sério problema para a emancipação das mulheres. Mas não é apenas para as mulheres que a centralização da liderança, da redenção, num homem, branco, representa um obstáculo. Muitos povos foram colonizados, humilhados, feridos, dizimados, em nome de um Cristianismo fundamentado numa cristologia da reconciliação. Essa cristologia não representa um problema apenas pelo fato de postular a redenção por meio de um varão, mas também porque implica uma teologia da cruz.*

---

*Pluralismo e Libertação*: por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã. São Paulo: Loyola, 2005. p. 112-113.

<sup>9</sup> TOMITA, Luiza. A contribuição da Teologia Feminista da Libertação para o debate do Pluralismo Religioso (p. 108-119). In: ASETT (Org.), *Pelos Muitos Caminhos de Deus*: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003. p. 114.



*Ao justificar o sofrimento humano nesta terra, na esperança de uma recompensa após a morte, prega um Cristianismo de passividade, de resignação, de submetimento, de autonegação.<sup>10</sup>*

Além das questões especificamente cristológicas, há duas outras que representam desafios importantes no debate do pluralismo religioso: o conceito de salvação e a questão do monoteísmo.

A concepção da salvação entendida como cura e doação de vida, relativiza uma série de mitos de origem sobre o pecado e a culpa, em que grande parte da culpa foi histórica e ideologicamente atribuída à mulher. A crítica – e mesmo, a ruptura – com a visão agostiniana do pecado original faz com que a teologia tradicional da salvação perca o sentido. A salvação, não mais ligada a uma cristologia da reconciliação do humano contra o seu estado inicial de pecado, mas sim contra o pecado estrutural, ganha novo sentido. A dimensão salvífica passa a estar ligada à cura, à elevação da autoestima, à doação de vida, à acolhida no seio da comunidade. Dessa forma, a teologia cristã teria condições de ser mais fiel a seus princípios de igualdade de todos os seres humanos, de ter a comunidade fundamentada na justiça e na paz e de expressar o poder divino como representante do amor em sua plenitude.

De forma similar está o tema do monoteísmo, uma vez que ele foi canalizado para uma imagem sempre masculina de Deus. Inclusive tornou-se um “golpe” contra as culturas ancestrais que possuíam a crença em divindades femininas e que por isso empoderavam as mulheres. O monoteísmo afetou a vida das mulheres ao acabar com a bissexualidade da divindade e assim afastar as mulheres da natureza divina. Também introduziu um dualismo entre o corpo e o espírito, entre a humanidade e a natureza, entre Deus e o mundo. Uma espiritualidade centrada em Deusa possibilita uma reflexão a partir da realidade corporificada no cotidiano, tanto nas dimensões de prazer como nas de dor, incluindo as mudanças e os processos do corpo, da vida pessoal, da autoafirmação e, ao mesmo tempo, conectada ao compromisso social e atividade política. Dessa espiritualidade surgem as possibilidades de afirmação do corpo, tanto em seu poder erótico como em seu poder criativo de dar a vida e de ser fonte de cura.

O esforço da teologia feminista da libertação em buscar imagens femininas de Deus está centrado na expressão da fé em uma divindade

<sup>10</sup> TOMITA, 2005, p. 109.



que esteja preocupada com as situações de opressão e violência que marcam a vida de parcelas consideráveis da população, especialmente mulheres. Tal divindade, despida de androcentrismos e as consequentes formas de patriarcalismos e sexismos, promove a cura, valoriza o corpo, a sexualidade, o cuidado e a proteção da natureza com uma consequente responsabilidade ética pela criação. Aliás, tal perspectiva estabeleceria saudáveis conexões com as religiões indígenas e africanas, uma vez que elas possuem imagens divinas menos autoritárias, mas que habitam ou se revelam no meio da comunidade, baseiam-se em uma inter-relacionabilidade, solidariedade e maior respeito às pessoas e à natureza.

## 2 Mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas

Neste capítulo, onde estamos apresentando os aspectos de natureza mais acentuadamente metodológica que exigem uma revisão da teologia latino-americana, o debate em torno das questões culturais é imprescindível. As temáticas relativas às tensões entre teologia e cultura, como se sabe, são complexas e diversas, especialmente em função das rápidas mudanças socioculturais, políticas e econômicas em curso no Brasil e no mundo. Basta lembrar as questões que emergem das realidades urbanas, as bioéticas, as de gênero, as que surgem das formas de consumo e tantas outras. Todas elas desafiam a reflexão teológica e, como todas possuem interfaces agudas com as experiências religiosas, desafiam igualmente as ciências da religião. Portanto, a relação entre fé e cultura – ou, para ser mais preciso: entre fés e culturas [no plural] – marca os principais debates no cenário teológico, não obstante as diferenças de épocas e de contextos. Trata-se de uma relação extremamente complexa e desafiadora.

No caso brasileiro e latino-americano em geral, são diversas as arestas que estão presentes no quadro das relações entre fé e cultura, especialmente pela simbiose das culturas africanas, indígenas e as formas de Cristianismos que se tornaram hegemônicas no continente. Consideramos que urge tratar de uma dessas arestas que se refere às possibilidades de alargamento metodológico da teologia, questionando o excessivo racionalismo deste, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana.



Ao seguirmos um *princípio pluralista*, ressaltamos a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas. Para isso, é preciso destacar a contribuição de uma teologia indígena, especialmente por desfrutar da tensão criativa entre ritualidade e racionalidade, assinalar também a contribuição da teologia negra uma vez que esta articula as subjetividades do mundo afro-brasileiro e a racionalidade cristã ocidental e realçar o valor teológico do sincretismo – aqui entendido como expressão positiva de interculturalidade – com vistas à uma teologia entre-fés.

Nossa pressuposição é que a realidade das culturas religiosas afro-indígenas que marcam o contexto latino-americano requer uma mudança do lugar teológico e uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. Não obstante certas idealizações das referidas culturas, que precisam ser descartadas em nossas análises, não se pode negar traços significativos delas, como, por exemplo, a primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais, e a maior ênfase na dimensão do despojamento e da auto-doação em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas. Tais visões, entre outros aspectos, são indicações de um novo/antigo caminho teológico que levaria a reflexão teológica a rever o seu forte acento racionalista.

A proposta de mudança de lugar teológico, que inclua a possibilidade de fazer teologia a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas precisaria articular dois polos de reflexão: a que emerge do ponto de vista da experiência afro-americana e a que se efetua dentro do marco das culturas indígenas, considerando que ambas releem e reinterpretam criativamente a partir de suas próprias experiências e símbolos a perspectiva teológica e religiosa latina da fé cristã.

O referencial hermenêutico dessa visão teológica é o mesmo da teologia da libertação e ela se desenvolve a partir do paradigma do pluralismo religioso e cultural constatado na atualidade e assumidamente valorizado. Por essa valorização entende-se o reconhecimento do pluralismo como “dom precioso que enriquece a humanidade e a convida a um aprofundamento espiritual novo e mais profundo”.<sup>11</sup>

Entre as visões teológicas desafiadoras está a de uma cristologia afro-latíndia. Ela mostra, entre outros aspectos, que a redenção acontece

<sup>11</sup> BARROS, Marcelo. *O sabor da festa que renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 31.



não mediante a morte sacrificial de Jesus na cruz, mas que nasce de uma fé confiante e despojada mediante o amor de Deus. “Isso não diminui o valor salvífico da autoentrega de Jesus em seu martírio e da força do exemplo que tem sua paixão. Mas abre a fé cristã a um reconhecimento de uma ação divina muito além do Cristianismo”.<sup>12</sup>

No tocante às questões eclesiológicas, o que fica indicado como valor são formas comunitárias de viver a fé, dentro da referência teológica da libertação, na comunhão com as culturas afro e índia, incluindo o valor que nelas é dado às festas e à preparação e ao desfrutar da comida. Essa perspectiva requer uma mudança profunda na concepção de missão, que passa a ter a sua ênfase na forma profética de inserção no mundo, que vive e celebra o testemunho da ressurreição de Jesus no meio dos sofrimentos humanos, sobretudo das pessoas mais pobres, e do martírio constante das comunidades negras e índias. A eclesiologia afro-latíndia fundamenta-se em ser antirracista e antidiscriminatória, comprometida com a justiça e com o respeito das diferenças. Ela é marcada, não obstante o seu caráter militante, pela alegria e pela dimensão lúdica, mesmo em meio ao sofrimento.

## 2.1 A tensão entre ritualidade e racionalidade: por uma teologia indígena

Em relação especificamente à teologia indígena latino-americana são muitos os desafios, em especial pelo elevado grau de diferença cultural nos diferentes contextos e épocas e pelas interpelações que a história do encontro entre culturas provocou.

Um dos teólogos que tem se dedicado a essa perspectiva é Diego Irarrazaval. Ele atuou por quase três décadas em comunidades populares aymaras no Peru. Em suas palestras e entrevistas costuma dizer que junto aos aymaras aprendeu a ser pastor e a ser pastoreado por um povo que sabe celebrar a vida e que é capaz de aceitar as pessoas distintas com suas virtudes e limitações. Da mesma forma, afirma que a compreensão que possui sobre o sentido do seu próprio trabalho missionário, não é por crer que as pessoas envolvidas estão carentes de Deus, mas sim para acompanhá-las na beleza da espiritualidade delas e em seus esforços na conquista da justiça como, por exemplo, o direito à educação em sua própria cultura. Tais perspectivas são reveladoras da teologia do autor.

<sup>12</sup> BARROS, 2009, p. 125-126.



O referido autor formula a sua teologia a partir dos povos originários do continente latino-americano, a partir das suas vivências de espiritualidade, numa atividade que nasce a partir “de baixo”, com as populações excluídas, e “de dentro” da cultura e fé ameríndia. A provocação primeira para estas produções é dada pelas populações empobrecidas, “de baixo”, das classes populares e “de dentro”, do próprio espaço da América Latina, como o próprio título da obra (*De baixo e de dentro: crenças latino-americanas*) já aponta. É necessário interpelar a teologia a partir das falas/crenças indígenas questionadoras de heranças coloniais que encobrem experiências de espiritualidade e que não são relacionadas ou geradas com construções eurocêntricas. Um exemplo disso é a tensão entre ritualidade e racionalidade no tocante ao conhecimento da realidade:

*Para a população nahuatl, a verdade é in xóchitl in cuícatl (flor e canção) que provém da fonte da Vida e que é proclamada por tlamantinime (pessoas sábias). Portanto, não é a equação mente = realidade, mas um conhecimento metafórico como o de flor-e-canção, onde dialogam o divino e humano. Cada povo autóctone da América Central, da Amazônia, das serranias andinas, do cone-sul tem seu modo de entender a natureza, a história, a divindade. Tal compreensão é inseparável da celebração, pois a palavra de fé (o mito) se alimenta do rito e vice-versa. Esta rica palavra ritual é a que, nos processos de teologia índia, dialoga com a fé cristã.<sup>13</sup>*

Tal perspectiva se constrói a partir de dois importantes eixos: o primeiro deles refere-se ao mundo indígena e mestiço, uma encarnação nestas vivências, em suas identidades complexas, na interação entre suas culturas, em seus mitos e formas de espiritualidade e em suas outras propostas de fé em Deus. Já o segundo eixo refere-se a abordagens mais amplas da realidade latino-americana, a partir “de dentro” desse espaço, para tanto, aproxima-se das culturas e religiosidades dos povos pobres, e, a partir “de baixo”, relacionando ação evangelizadora, inculturação e as hermenêuticas que são construídas e desenvolvidas no contexto e em diálogo com povos “indoafromestiços”.

O autor fala “a partir de regiões andinas que encontram harmonia entre polos contrapostos”<sup>14</sup>. Uma espécie de conciliação e convivência de contrários, não caindo em interpretações dicotômicas. Isso significa

<sup>13</sup> IRARRAZAVAL, Diego. *De baixo e de dentro: crenças latino-americanas*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007. p. 105.

<sup>14</sup> IRARRAZAVAL, 2007, p. 9.



que é necessário reler as vivências latino-americanas em suas culturas e espiritualidades, em seu pluralismo e mosaico multicolorido, mas a partir de um lugar específico. Como o autor aponta:

*[...] estou convencido de que o pensar profundo não vem de um acima unilateral, mas do pequeno e do último que humildemente é capaz de interagir com toda a realidade. Portanto, para crer e pensar, não vamos subir, mas ao contrário, descer e gozar da intimidade e do vigor das fontes da Vida.<sup>15</sup>*

A partir deste lugar vivencial, os povos tradicionais interpe- lam uma produção de teologia com seus mitos e suas utopias. A fé indígena provoca a teologia das religiões reprojetoando-a para além das elaborações teológicas cristãs que se construíram como espaços hegemônicos em que se interpreta a espiritualidade e a cultura dos povos ameríndios. A teologia passa a ser desafiada pela construção de narrativas a elaborar-se a partir uma fé plural e diversa.

*Parece-me que a visão indígena nos ajuda a reapreciar o sagrado e a salvação no interior da criação e da corporeidade humana. Um estudioso valoriza o existencial nas “cosmogonias míticas... em momentos decisivos da vida individual, como é o nascimento, a doença, a iniciação, a celebração do matrimônio e a morte...” e acrescenta: “Teologicamente têm interesse pelo contraste que representam com os relatos bíblicos da criação.” Por minha parte, sublinho como o indígena motiva a reprojetoar a situação atual e a corrigir a teologia dominante. Em vez de coisificar e consumir a realidade – uma feição da (des)ordem moderna – nos convém mais interagir entre seres viventes, confrontar a maldade no mundo (muito presente nos mitos indoamericanos) e superar os absolutos científicos e técnicos que manipulam tudo. Também relemos nossa tradição afim de não segregar o natural/humano da obra de salvação.<sup>16</sup>*

Na interpelação de uma teologia indígena, Diego Irarrazaval apresenta quatro pontos de destaque a partir dos mitos e da fé indígena: i) o imaginário mítico e utópico, na população ameríndia, é heterogêneo e complexo e conjuga origens marcadas pela felicidade e pelo mal; ii) a teologia cristã, ao se aproximar dos mitos, ritos, utopias e éticas dos povos indígenas, não se delimita pelo tradicionalmente religioso da

<sup>15</sup> Ibid., p. 10.

<sup>16</sup> Ibid., p. 106.



experiência cristã, mas se alimenta pela busca de uma vida plena com os símbolos espirituais de povos tradicionais; iii) a reflexão cristã, neste encontro, ressitua-se na espiritualidade e sabedoria dos povos indígenas, na fé dos “de baixo”; iv) o desenvolvimento de uma solidariedade mundial é inseparável do cosmo e da qualidade espiritual dos povos, que provoca uma interação entre comunidades indígenas e outros setores da humanidade, a articulação entre teologias indígenas e outros modos de fazer-teológico, reconhecendo, assim, um pluralismo religioso e um pluralismo teológico.

## 2.2 Subjetividade afro-brasileira e a racionalidade cristã ocidental

Observemos agora mais detidamente a contribuição da teologia negra da libertação para o debate do pluralismo religioso. Nossa proposição é que as dimensões de subjetividade e de experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-brasileiros, uma vez vistas como interpelação à teologia cristã, redimensionariam o caráter fortemente racional nela presente e geraria novas sínteses.

Buscou-se na América Latina, em linhas gerais, colocar em comum os diversos aspectos sociais e teológicos a partir da realidade das comunidades afro-americanas e caribenhas emergentes nas últimas décadas do século 20; analisar e aprofundar à luz da reflexão teológica os grandes desafios provenientes da realidade pastoral dos povos negros; aprofundar as exigências de uma “evangelização inculturada” indicadas pelas igrejas; aprofundar a reflexão sobre as práticas ecumênicas a partir das culturas e religiões de origem africana; e como as teologias feministas e índias podem representar espaço para encontro, diálogo e construção de novos referenciais e paradigmas teológicos.

Tais perspectivas apresentaram a ideia de um Jesus Cristo luz e libertador do povo afro-americano, ao mostrar que na diáspora do povo negro africano – e esta é a realidade do contexto latino-americano – não houve dificuldades por parte das religiões de origem africana de se acolher Jesus Cristo como expressão concreta da fé. Não obstante a diversidade religiosa da comunidade negra no continente, Jesus é respeitado, cultuado e invocado e visto como libertador. Ao analisar a experiência dos grupos africanos Banto e Nagô, vemos que a cristologia pode ser redimensionada a partir da experiência de ancestralidade e de orixalidade. Trata-se da valorização do passado fazendo-o estar presente na comunidade por



intermédio da mediação ancestral e da valorização da mediação que reúne ao mesmo tempo a identidade humana e divina, como é o caso da força universal dos orixás.

Ainda na questão cristológica, é preciso enfatizar a dimensão da libertação, crucial para os povos negros devido à situação de opressão em que vivem. Daí, a afirmação que

*[...] a cristologia que emerge do contexto da Comunidade Negra, por certo, não é uma cristologia centrada num mero sacrificalismo justificador das dores das vítimas do sacrifício. A vítima evoca uma atitude passiva, que é, na verdade, não-atitude. A cristologia atual, mais que um Jesus Cristo vítima, revela o Jesus Cristo mártir. O martírio em Jesus Cristo – e é aí que a concepção cristã sobre o martírio tem o seu significado – é consequência de uma atitude ética fundamental em direção do Reino de Deus.<sup>17</sup>*

A realidade religiosa afro-americana, dentro de suas mais diversas manifestações como o Candomblé no Brasil, o Vodou haitiano e a Santeria em Cuba e as demais expressões religiosas delas decorrentes ou em interação com elementos delas, como é o caso, por exemplo, da Umbanda no Brasil, que embora de origem nacional é frequentemente arrolada como religião africana.

Historicamente, há uma evolução da forma como as igrejas cristãs, tanto católica como protestantes, veem as religiões afro-americanas. Do tratamento como seitas diabólicas e objetos de ataques passa-se para uma postura de maior respeito, embora se mantenham as posturas de ameaça e de violência. Ao mesmo tempo, há pouco diálogo entre a teologia cristã e o universo religioso das tradições religiosas africanas.

São muitos os aspectos que desafiam uma teologia pluralista. Um deles são as limitações do fazer teológico aos espaços institucionais e magistérios das igrejas. Uma teologia pluralista precisa ser construída a partir do diálogo e interpelações livres de diferentes culturas que marquem as experiências religiosas.

*A subordinação da Teologia Cristã aos magistérios eclesiásticos ocasionou um fechamento, dando a esta, não poucas vezes, um enquadramento muito mais de doutrina que de sabedoria ou ciência. Ao mesmo tempo*

<sup>17</sup> SILVA, Antônio Aparecido da (Org.). *Existe um Pensar Teológico Negro?* São Paulo: Paulinas, 2008. p. 74.



*em que tornou-se um corpo fechado, a Teologia Cristã legitimou a si própria e desconsiderou as outras possíveis teologias. Ainda hoje causa estranheza a muita gente quando se fala em Teologia do Candomblé, do Vodou ou das heranças religiosas africanas.*<sup>18</sup>

A lógica racional que sustenta a teologia cristã ocidental, mesmo a teologia da libertação, precisaria ser interpelada pelas concepções de mundo africanas em que o humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar, como o “estado de santo”, por exemplo. Também a subjetividade própria da sabedoria africana carece de reciprocidade diante da racionalidade ocidental.

A teologia cristã do pluralismo religioso ou será dialogante, ou não será teologia do pluralismo religioso; sem diálogo aberto será uma falsa proposta. Mesmo nos tempos atuais, o diálogo inter-religioso encontra-se prejudicado e até mesmo impossibilitado pelo relacionamento assimétrico entre as teologias em questão. Não há possibilidade de diálogo enquanto a Teologia Cristã for considerada “a teologia”, e a Teologia das heranças africanas continuar sendo considerada “mera crendice”.<sup>19</sup>

Outro desafio é a compreensão da salvação. A distinção presente em teologias cristãs tradicionais dos atos divinos de criação e de salvação não é encontrada nas tradições religiosas africanas. Nelas, criação e salvação constituem em ato único divino. A salvação já está dada por Deus no ato criador. “Deus cria salvando e salva criando”.<sup>20</sup> Esta visão não despreza os procedimentos éticos, mas se isenta de uma quase obsessão pela salvação, como vista em alguns grupos cristãos, que gera formas religiosas “de barganha” humana com Deus e formas de exclusivismo. O compromisso ético não se baseia tanto na busca incessante de uma salvação, mas de um equilíbrio, de um bom relacionamento entre as pessoas e delas com a natureza de uma fidelidade ao divino.

Relacionadas com este tema surgem as questões cristológicas. Há uma forte tendência em religiões africanas de se incorporar Jesus Cristo em seus esquemas e simbologias. E isso, em geral, se dá não como mera assimilação igualando-o, por exemplo, aos Orixás, mas como novidade

<sup>18</sup> SILVA, Antônio Aparecido da. Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas (p. 97-107). In: ASETT (Org.). *Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003. p. 99.

<sup>19</sup> SILVA, 2003, p. 99.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 102.



de vida especialmente ligada à superação de condições aviltantes como a escravidão. Trata-se de uma nova percepção de fé forjada pelo contexto opressivo da diáspora. Jesus, mesmo com nomes variados, estará presente e atuante na vida das pessoas. O que isso pode representar para a teologia cristã em seus processos de renovação e de busca de referenciais mais profundos para a fé? Além disso, o autor destaca que “se a amálgama que permite a unidade da teologia cristã é a fé da comunidade no Deus de Jesus Cristo, o ato unificador das tradições africanas é a experiência centrada no Deus da Vida mediatizada pelo AXÉ”,<sup>21</sup> mesmo considerando a diversidade interna das religiões afro-americanas.

A dimensão sacramental também é desafiadora. Para o autor, o mistério da Eucaristia nas igrejas cristãs e o Estado-de-Santo nos cultos do Candomblé, por exemplo, evidenciam momentos absolutos da relação do humano com o divino, e, portanto, uma teologia do pluralismo religioso deveria dar, minimamente, a mesma excelência a ambos, sendo assim vistos como “sacramentos”. Diferentes das formas ocidentalizadas de Cristianismo, a teologia das heranças africanas, nos indica o autor, “se fundamenta numa concepção de mundo de relações mais que dialéticas verdadeiramente analéticas. O humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar. É a lógica da não-lógica”.<sup>22</sup> Tais perspectivas suscitam indagações importantes para um diálogo entre teologia cristã e teologia das heranças africanas: “Qual lógica é capaz de dar conta de uma realidade onde o humano e o divino transformam a corporeidade em carregadora de ambos? Qual lógica explica o “estado de santo”?”.<sup>23</sup> Trata-se de questões mutuamente desafiadoras. Diante delas o autor conclui que

*Está evidente que os pressupostos do conhecimento numa e noutra reflexão teológica não seguem os mesmos caminhos. Entretanto, a aproximação entre elas pode determinar uma nova via de conhecimento capaz de dar conta da realidade plural que envolve o seu humano. A subjetividade que caracteriza a sabedoria africana põe em cheque a racionalidade que distingue o procedimento ocidental, contudo se carecem reciprocamente.*<sup>24</sup>

<sup>21</sup> Ibid., p. 100.

<sup>22</sup> Ibid., p. 101.

<sup>23</sup> Ibid., p. 101.

<sup>24</sup> Ibid., p. 101.



### 2.3 É possível uma teologia do sincretismo, entendido positivamente como interculturalidade?

Nossa pressuposição é que o sincretismo faz parte das relações históricas entre as religiões. Mesmo as reações a ele ocorrem, em geral, a partir de determinada religião que também é, por sua vez e em alguma medida, sincrética. Os diálogos inter-religiosos têm sido desafiados pelas realidades do sincretismo, entendido em suas positivities e também da chamada dupla vivência religiosa. Esses dois aspectos constituem um dos pontos mais controversos do diálogo inter e intra-religioso. São inúmeras as comunidades no contexto latino-americano que vivem formas de Cristianismo popular sem abrir mão de tradições religiosas milenares. Portanto, trata-se de tema relevante para a reflexão teológica atual.

Um dos desafios teológicos de destaque em nossas reflexões é dar positividade à noção de sincretismo. Para Afonso Ligório Soares

*[...] pode-se falar, portanto, de fé sincrética para identificar o modo mesmo de uma fé ‘concretizar-se’. De fato, não existe fé em estado puro; não temos antes uma fé (religiosa) à qual acrescentamos depois uma ideologia. A fé mostra-se na práxis. Por isso, quem diz fé sincrética, diz, de certa forma, fé inculturada. A diferença (não indiferente) é de trajeto, ou seja, o ponto de vista de onde se observa ou de onde se participa da invenção religiosa popular. A comunidade eclesial propõe-se a inculturar a mensagem evangélica; o povo responde, acolhendo (inreligionando) a ‘novidade’ de acordo com as suas reais possibilidades contextuais (políticas, culturais etc.).<sup>25</sup>*

As consequências para o fazer teológico são diversas e todas igualmente desafiadoras. Não se trata necessariamente de uma visão heterodoxa, ao contrário, “as matrizes bíblico-simbólicas do Cristianismo são intrinsecamente abertas a novas releituras e reconceitualizações”.<sup>26</sup> Isso deve acontecer em diálogo e em abertura para um processo de reformulação dogmática, que podem muito bem serem feitos entre e em conjunto com diferentes religiões.

Uma teologia do sincretismo, entendida como possibilidade de se pensar a fé dentro de um diálogo inter e intra-religioso, possui como

<sup>25</sup> SOARES, Afonso Ligório. *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 246.

<sup>26</sup> SOARES, 2003, p. 252.



pressuposições básicas, ao menos dois aspectos: que expressão religiosa alguma vive em estado puro ou está isenta de ambiguidades e, portanto, pode e deve estar aberta às outras em um processo de aprendizado, e que o sincretismo, ao contrário do sentido na maior parte das vezes negativo atribuído ao termo, pode ser compreendido como ressemantização das experiências religiosas a partir das relações aprendidas no mundo do outro. É o que dará base para se indicar uma teologia “entrefés” (*interfaith*) que aprende das realidades religiosas de sincretismo que “não há etapas rumo a esta ou aquela religião total, pois nenhuma fé ou espiritualidade esgota o Sentido da Vida”.<sup>27</sup> As vivências espirituais sincréticas seriam sadias provocações aos conceitos enrijecidos pela lógica dogmática e devem ser vistas como fonte de novidade na busca de formas novas e mais autênticas de compreensão da fé tradicional.

*Ressalte-se, porém, que a vivência sincrética do Cristianismo não é uma invenção de indígenas latino-americanos e afro-descendentes. Ocorre na história dos povos um autêntico jogo dialético em que, primeiramente, o povo vencedor tenta impor-se eliminando a religião do povo vencido (antítese); em seguida, o dominador acaba aceitando os elementos mais válidos ou mais fortes dos oprimidos (tolerância, coexistência pacífica); no final, chega-se a uma síntese. O Cristianismo, por ser uma religião universalista, não pôde se subtrair ao sincretismo, já que chamou sobre si a responsabilidade de conter, em princípio, toda a pluralidade encontrável no gênero humano.*<sup>28</sup>

Tal perspectiva teológica não se confunde com a ideia de que “tudo cabe”, tornando essa visão desprovida de um referencial ideológico e de verdade. Ao contrário, seguindo a intuição universal e pluralista de que “todos cabem” – e, aqui, portanto, a dimensão humana é ressaltada,

*[...] não nos parece epistemologicamente difícil avançar na proposta de uma ética (H. Küng) ou ethos (L. Boff) mundial; e será sempre simpático enveredar por um caminho místico que supere as demarcações teológicas (R. Panikkar). Também é fácil descartar pastiches de pluralismo religioso como os blockbusters da trilogia Matrix. Mas, ainda nos retém do lado de cá a velha noção de verdade.*<sup>29</sup>

<sup>27</sup> SOARES, Afonso Ligório. *No Espírito do Abba: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 213.

<sup>28</sup> SOARES, 2008, p. 193.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 220-221.



Não se trata de uma expectativa de dizer a verdade cabal, mas uma teologia do sincretismo pode, ao menos, desmascarar pretensas verdades, especialmente pelo recurso e mediações necessárias das ciências, revelando, assim, fronteiras porosas que podem se tornar espaços significativos de reeducação como seres humanos. Tal processo de reeducação deve revelar a validade e a relevância do esforço teológico, que articula a realidade plural e a tradição, para o bem das comunidades de fé. Esse exercício deve levar em consideração as hermenêuticas em conflito nos contextos eclesiais, em especial o católico romano devido ao número crescente de ‘notificações’ e processos sobre pesquisas em diferentes áreas, sobretudo no campo inter-religioso.

A realidade plural da América Latina na atualidade, em que há uma complexidade de fenômenos religiosos e uma simultaneidade (diferentemente de outros contextos, como o europeu, por exemplo) entre situações de crise da religião e de reavivamento religioso, verificam-se, por exemplo, experiências de pessoas e grupos cristãos que vão ao encontro dos mistérios ancestrais africanos e de personalidade do mundo religioso afro que buscam o Cristianismo. Ambos movimentos revelam intensa criatividade religiosa e desejam encontrar significados mais profundos e novos de sua própria tradição a partir de relações sincréticas. Há também movimentos espiritualistas-esotéricos, que, embora não se reconheçam como religiosos, possuem estruturas simbólicas, objetivos, processos iniciáticos muito próximos à de religiões, inclusive da visão judaico-cristã, além das interações religiosas híbridas. Esse quadro sugere a possibilidade de pensar o futuro das novas gerações dentro de um marco de uma forma de pensamento interconfessional ou transconfessional. Tal forma daria condições para a construção de uma teologia “entrefés”.

*A questão, portanto, não é se somos ou não sincréticos – uma atenta resenha dos bons estudos culturais disponíveis demonstra inequivocamente que, mais ou menos, o somos todos –, mas até que ponto da estrada queremos ou aguentamos ir nesse intercâmbio, sem prejuízo da inspiração cristã original. Mesmo que chamemos essa tradução de inculturação ou de “sincretismo ortodoxo”, o importante é ir aprendendo a detectar nesse processo de empréstimos quando o mesmo é comandado por delimitações fora das quais já não se percebe nenhum continuum com a tradição cristã.<sup>30</sup>*

<sup>30</sup> Ibid., p. 197.



Diversas questões suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas, interpelam o método teológico, especialmente a relação entre subjetividade e racionalidade. Tal relação, em nosso ponto de vista, é fundamental para o alargamento do método teológico, tão almejado nas últimas décadas. Trata-se de questionar o excessivo racionalismo da teologia, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana.

### Considerações finais

Para a revisão do método teológico no contexto latino-americano, as questões suscitadas pelas relações entre fés e culturas têm tido destaque. O crescente quadro de pluralismo religioso, que está mergulhado nestas questões, desafia intensamente a reflexão teológica. Identificamos dois blocos para análise. Um que emerge do contexto da teologia feminista latino-americana e outro das teologias afro-indígenas.

Um dos aspectos que tem desafiado o debate teológico sobre o pluralismo religioso são as noções de universalismo que, em geral, são essencialistas e idealistas, sem grandes atenções com as diferenças e com as expressões do cotidiano, e favorecem formas veladas de dominação cristã, seja no nível prático, seja no simbólico. São muitas as contribuições para esta crítica. Por diferentes razões, temos priorizado as análises feministas, uma vez que em diferentes âmbitos, mas, sobretudo, no contexto teológico latino-americano, elas têm se destacado.

Entre as diferentes possibilidades de contribuição da teologia feminista para o debate sobre pluralismo religioso, destacamos a crítica ao universalismo cristão e às visões cristológicas sexistas, patriarcais, elitistas e racistas. As teólogas feministas da libertação têm refletido sobre os problemas sexistas advindos da visão religiosa monoteísta e os que emergem das metáforas patriarcais utilizadas na construção da imagem de Deus, incluindo as cristológicas. Tais perspectivas dogmáticas têm excluído as mulheres das instâncias de decisão e do poder nas esferas religiosas. Além disso, alguns desses dogmas também têm marginalizado homens e mulheres de diferentes raças e culturas, em nome de um Cristo branco, de traços europeus.

O esforço da teologia feminista da libertação em buscar imagens femininas de Deus está centrado nas expressões da fé em uma divindade não androcêntrica, que seja fonte de iluminação crítica das formas de



patriarcalismos e sexismos. O foco é a vivência espontânea da fé que promova a cura e que valorize o corpo, a sexualidade, o cuidado e a proteção e a responsabilidade ética com a criação e a natureza.

No tocante às questões suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas que interpelam o método teológico, o foco parece residir principalmente na relação entre subjetividade e racionalidade, embora tal contraposição não devesse ser compreendida de forma genérica, mas com toda a complexidade que ela possui. As realidades das culturas religiosas afro-indígenas que marcam o contexto latino-americano, se consideradas pela reflexão teológica, em postura de diálogo crítico e interpelador, possibilitam uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. Dois deles, poderíamos, assim, sintetizar: o primeiro é o alargamento da visão sobre a realidade, sobre o ser humano e sobre o cosmo baseado na primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais, e também na maior ênfase na dimensão do despojamento e da autodoação em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas; descartadas, no entanto, as muitas idealizações das referidas culturas feitas por diferentes círculos nos campos da antropologia, da teologia e das ciências da religião. Todavia, não se podem negar os traços de inclusão e de respeito ao humano e à natureza presentes na vivência de nações indígenas e de povos de cultura negra. O segundo aspecto é que as dimensões de subjetividade e as experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-indígenas, uma vez vistas como interpelação à teologia cristã, redimensionaria o caráter fortemente racional nela presente e geraria novas sínteses entre fé e ações práticas.

Reconhecemos que nossos parâmetros de reflexão ainda estão centrados no universo conceitual cristão e não refletem profunda e radicalmente uma atitude dialógica a partir “de dentro” das referidas culturas. Ou seja, a voz dos sábios e sábias das culturas afro-indígenas ainda não se constitui como expressão nítida de vozes que interpelem e dialoguem com os grupos teológicos cristãos. Elas estão sempre pressupostas em nossas reflexões a partir da vivência dos autores apresentados. No entanto, nossa perspectiva procura ressaltar a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, valorizar a contribuição de uma teologia indígena e de uma teologia negra, especialmente por desfrutarem da tensão criativa entre ritualidade e racionalidade e por articularem as subjetividades do mundo afro-indígena e a racionalidade cristã ocidental e realçar o valor teológico do sincretismo com vistas a uma teologia entre-fés.



## Referências

ASETT (Org.). *Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003.

ASETT (Org.). *Pluralismo e Libertação: por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.

ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

ASETT (Org.). *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008.

ASETT (Org.). *Por uma Teologia Planetária*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARROS, Marcelo. *O sabor da festa que renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009.

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhaduti Editora, 2010.

IRARRAZAVAL, Diego. *De baixo e de dentro: crenças latino-americanas*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007.

SILVA, Antônio Aparecido da. “Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas” (p. 97-107). In: ASETT (Org.). *Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003.

SILVA, Antônio Aparecido da (Org.). *Existe um Pensar Teológico Negro?* São Paulo: Paulinas, 2008.

SOARES, Afonso Ligório. *No Espírito do Abba: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOARES, Afonso Ligório. *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SOUZA, Boaventura dos Santos. *Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.



TOMITA, Luiza. “A contribuição da Teologia Feminista da Libertação para o debate do Pluralismo Religioso” (p. 108-119). In: ASETT (Org.). *Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003.

TOMITA, Luiza. “Crista na ciranda de Asherah, Isis e Sofia: propondo metáforas divinas para um debate feminista do pluralismo religioso” (p. 107-124). In: ASETT (Org.). *Pluralismo e Libertação: por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.